



UNILAB

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Maria Milene Mendes de Oliveira

**RACISMO RELIGIOSO DISFARÇADO DE ORAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: O
OLHAR INVESTIGATIVO A PARTIR DA COMPONENTE CURRICULAR DE
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNILAB CEARÁ**

Redenção, Ceará

2024

Maria Milene Mendes de Oliveira

**RACISMO RELIGIOSO DISFARÇADO DE ORAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: O
OLHAR INVESTIGATIVO A PARTIR DA COMPONENTE CURRICULAR DE
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNILAB CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso Licenciatura em Pedagogia do Instituto de
Humanidades. Celebrado na Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
(Unilab), como requisito parcial para obtenção de
Título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr. Linconly Jesus Alencar
Pereira

Redenção, Ceará

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Maria Milene Mendes de.

048r

Racismo religioso disfarçado de oração no espaço escolar: o olhar investigativo a partir da componente curricular de estágio obrigatório do curso de pedagogia da Unilab Ceará / Maria Milene Mendes de Oliveira. - Redenção, 2024.
44f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Linconly Jesus Alencar Pereira.

1. Racismo. 2. Relações étnico-raciais. 3. Educação escolar.
I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370

Nome: Maria Milene Mendes de Oliveira

**RACISMO RELIGIOSO DISFARÇADO DE ORAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: O
OLHAR INVESTIGATIVO A PARTIR DA COMPONENTE CURRICULAR DE
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNILAB CEARÁ**

Trabalho Apresentado Para Obtenção de Título Licenciatura em Pedagogia. Celebrado na
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Aprovada em: 26/ 11 /2024

Banca Examinadora

Professor Dr. Linconly Jesus Alencar Pereira (Orientador- Unilab)

Professor Dr. Ricardo César Carvalho Nascimento (Examinador- Unilab)

Professora Dra. Jaqueline da Silva Costa (Examinadora- Unilab)

Redenção, Ceará

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Eridan Mendes, pessoa de grande importância, que me carregou em seu ventre por nove meses transmitindo afeto, e permitiu a existência da minha vida. Ainda fez grande esforço para me alimentar com o leite materno gerado do seu próprio corpo, pois é um gesto de amor e grande conexão. Agradeço pela simples educação que me concedeu, por essa razão foi possível me tornar uma mulher educada e guerreira. Aprendi muito através do seu exemplo de mãe e amiga leal contando sua história de vida quando era criança e de quando conheceu meu pai. Principalmente quando contou a história que minha avó só permitiu o seu casamento com meu pai quando a senhora aprendeu uma profissão que ela mesma a ensinou, a senhora se tornou costureira. Para ser uma mulher independente e não depender financeiramente de ninguém, levo comigo essa história de ensinamento como exemplo a seguir. Agradeço imensamente por ter me ensinado a ler e me levado à escola.

Agradeço ao meu pai Valdeci Gomes, que esteve ao lado de minha mãe e ajudou a educar e cuidar de mim e de meus irmãos e irmãs. Pelos seus gestos tímidos de carinho e amor e por me considerar sua melhor amiga, contando seus segredos. Agradeço pelos cuidados, preocupação, proteção e conselhos sobre a fase da vida adulta que temos que trabalhar. Por ter me ensinado a ser humilde igual ao senhor sempre foi, principalmente por me incentivar a estudar com suas palavras explicando a importância do estudo. Agradeço ao meu pai e minha mãe por vir até a minha pessoa através de sonho para dizer que estão sempre ao meu lado me protegendo.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Dr. Linconly Jesus, pelos ensinamentos, pois foi graças a sua linda metodologia guiada pela ciência, sabedoria e pelo amor de ensinar, que tornou possível a realização e conclusão da pesquisa. Sou grata por ter me aceitado como orientanda, com esse meu jeito simples de ser. Pela paciência que teve comigo e pelas correções que fez do início até a conclusão da pesquisa. Pelas motivações, pelas palavras de força, porque quando eu pensava que não iria conseguir realizar a pesquisa, foi o professor Linconly Jesus, quem falou, acredite em você, se esforce mais, continue pesquisando e escrevendo, porque pesquisar é uma prática diária. Muita gratidão pela maneira que me orientou durante esses meses de pesquisa. Sou muito grata porque acreditou em mim. Agradeço pelo encorajamento e incentivo em continuar estudando e pesquisando, foi por isso que eu perdi o medo de escrever e consegui pesquisar.

Agradeço de coração aos colegas e amigas pela disponibilização e colaboração ao responderem o questionário de perguntas para contribuir com a pesquisa.

Agradeço a disposição da banca examinadora composta pela professora Dra. Jaqueline da Silva Costa e o professor Dr. Ricardo César Carvalho Nascimento, ambos vieram acrescentar suas contribuições metodológicas e científicas para a presente pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa é o resultado final para obtenção de grau do curso de licenciatura em pedagogia. Desejamos que seja uma contribuição positiva e reflexão para a educação escolar. Pois é apresentado por uma narrativa de cunho qualitativo com uma abordagem autobiográfica. Assim como também as evidências de racismo no contexto escolar durante o estágio em ensino fundamental anos iniciais. Tem o objetivo geral; investigar como o racismo se manifesta nas escolas, utilizando as experiências de estágio como campo de estudo. Utilizar a escola como campo de pesquisa através das experiências das componentes de estágio nas escolas. Com intuito de apontar reflexões educativas antirracistas. E os objetivos específicos; Reconhecer a narrativa autobiográfica como contribuição significativa para educação; Desconstruir pensamentos e atitudes racistas para incentivar práticas antirracistas no ambiente escolar; Refletir sobre as vivências e experiências de estágio dentro do ambiente escolar. O texto está dividido em três capítulos, no primeiro é uma abordagem autobiográfica. No segundo capítulo é composto por pesquisa bibliográfica. No terceiro capítulo narra as entrevistas realizadas com os/as discentes do curso de pedagogia da Unilab CE, a partir de entrevistas realizadas pelo google forms. Durante o desenvolvimento do trabalho apresentamos as dimensões do racismo estrutural e racismo religioso no contexto escolar. De modo que possa trazer contribuições positivas reflexivas para incentivar educação antirracista e que haja o respeito entre as diversidades religiosas, culturais e étnico- raciais.

Palavras-chave: Racismo, Relações étnico-raciais, educação escolar.

ABSTRACT

This research is the result for obtaining a degree in Pedagogy. We hope that it will be a positive contribution and reflection for school education. It is presented through a qualitative narrative with an autobiographical approach. It also highlights evidence of racism in the school context during the internship in the early years of elementary school. The general objective is to investigate how racism manifests in schools, using the internship experiences as a field of study. The school is used as a research field through the internship experiences in the schools, aiming to offer reflections on anti-racist education. The specific objectives are: to recognize the autobiographical narrative as a significant contribution to education; to deconstruct racist thoughts and attitudes in order to encourage anti-racist practices in the school environment; and to reflect on the internship experiences within the school environment. The text is divided into three chapters. The first chapter presents an autobiographical approach. The second chapter is composed of bibliographic research. The third chapter narrates interviews conducted with students from the Pedagogy course at Unilab CE, based on interviews carried out via Google Forms. During the development of this work, we present the dimensions of structural racism and religious racism in the school context, with the intention of bringing positive, reflective contributions to encourage anti-racist education and fostering respect for religious, cultural, and ethnic-racial diversity.

Keywords: Racism, Ethnic- racial relations, school education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CE- Ceará

CPLP- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

LDB- Lei Diretrizes Bases Da Educação Nacional

PPC- Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia

SP- São Paulo

UNILAB- Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

SEDUC- Secretaria de Estado da Educação

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: CARTA PARA MINHA MÃE ERIDAN MENDES	12
1.1. Recordando meu território	16
1.2. Observações de estágio: Campo de pesquisa	19
CAPÍTULO 2: RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL E SUAS FORMAS CORRELATAS	23
2.1. Práticas antirracista na educação básica	29
CAPÍTULO 3: ENTREVISTAS COM DISCENTES DA COMPONENTE DE ESTÁGIO EM ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS	33
Tabela 1	36
3.1. Análise referente às entrevistas obtidas da tabela 1	38
Tabela 2	39
3.2. Análise referente às entrevistas obtidas da tabela 2	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi construída com o propósito de denúncia na perspectiva antirracista.

O presente trabalho que vocês irão ter a oportunidade de ler, trago minha trajetória de vida, pois me constituo como uma pesquisadora antirracista. Esta pesquisa aborda questões relacionadas ao racismo estrutural, com foco particular no fenômeno do racismo religioso no ambiente escolar. O interesse pelo tema surgiu após vivenciar práticas racistas vividas por um membro da minha família, além de ter presenciado a “exclusão disfarçada” de direitos durante o estágio obrigatório.

Nesse contexto, observei manifestações de racismo religioso direcionadas aos/as alunos/as durante o estágio em ensino fundamental anos iniciais. Com base nessas vivências que presenciei durante o estágio obrigatório. E nas experiências científicas que o professor Dr. Linconly Jesus, possui sobre a desconstrução do racismo religioso, concluímos a necessidade e importância de ampliar a pesquisa sobre o tema “Racismo Religioso Disfarçado De Oração No Espaço Escolar: O Olhar Investigativo A Partir Da Componente Curricular De Estágio Obrigatório Do Curso De Pedagogia Da Unilab Ceará”.

A motivação principal para investigar o fenômeno do racismo, se justifica pelas experiências vivenciadas por Eridan Mendes, minha mãe, e pela importância e necessidade de aprofundar a discussão sobre o impacto dessas práticas no contexto escolar. Tendo como o objetivo geral da pesquisa investigar como o racismo se manifesta nas escolas, utilizando as experiências de estágio como campo de estudo. Utilizar a escola como campo de pesquisa através das experiências das componentes de estágio nas escolas. Com intuito de apontar reflexões educativas antirracistas.

Dessa forma definimos os objetivos específicos: Reconhecer a narrativa autobiográfica como contribuição significativa para educação; Desconstruir pensamentos e atitudes racistas para incentivar práticas antirracistas no ambiente escolar; Refletir sobre as vivências e experiências de estágio dentro do ambiente escolar.

A pesquisa se orienta pela seguinte problemática: Como o racismo estrutural, religioso e epistêmico é percebido pelos/as estudantes do curso de Pedagogia da UNILAB/CE nas componentes curriculares de estágio, no chão da sala de aula? A partir dessa problemática, levantamos discussões sobre diferentes tipos de racismo, como o estrutural, institucional, epistêmico e religioso.

A metodologia adotada baseou-se no método auto biográfico, bibliográfico e utilização de investigação qualitativa científica. Para uma parte do desenvolvimento da pesquisa

qualitativa foi feito a partir do material de estágios em ensino fundamental anos iniciais. No primeiro momento foi coletado informações de observações durante as componentes curriculares de estágio, o que me deu base para a construção de uma pesquisa de cunho qualitativo. Através do estudo de caso com elementos de uma abordagem qualitativa, possibilidades que contribuíram com o trabalho.

Para enriquecer e complementar a pesquisa, foram coletados relatos de estágio das/os discentes do curso de Pedagogia da UNILAB/CE, hoje a maioria encontra-se formada/o. O desenvolvimento do levantamento da pesquisa foi conduzido, direcionado, por meio de entrevistas através do Google Forms, com o intuito de contextualizar os reflexos causados pelo racismo no ambiente escolar e refletir sobre a temática.

A razão da escolha em realizar a pesquisa se deu através de presenciar racismo contra minha mãe Eridan Mendes. O desenvolvimento e inspiração do trabalho foi acontecendo e sendo ampliado pelas orientações e propostas metodológicas científicas do professor Dr. Linconly Jesus. Diante disto, procuro aprofundar teoricamente sobre uma educação com abordagens antirracistas.

Para estruturar este trabalho, no início, trago fatos reais como forma de reflexão educacional e social. Contextualizo a pesquisa autobiográfica que inicia-se com a escrita de uma carta para minha mãe Eridan Mendes, mulher guerreira, que estudou até a 4ª série do ensino fundamental anos iniciais, mãe de seis filhos, esposa, doméstica, agricultora e costureira. Diante da falta de oportunidades e poucas condições financeiras, não concluiu os estudos. Assim sendo, com o pouco conhecimento escolar que tinha ajudou suas filhas e filhos lhes dando educação. Por esse motivo, início o trabalho escrevendo uma carta para minha mãe.

CAPÍTULO 1: CARTA PARA MINHA MÃE ERIDAN MENDES

Apresento logo a seguir para formalizar o capítulo, uma carta para minha mãe, com segmentos de fatos reais que entrelaçam as dificuldades e caminhos de vidas da minha família, realizações e conquistas adquiridas com os esforços e conhecimentos proporcionado pelo estudo e o saber. Com o seguinte objetivo: Reconhecer a narrativa autobiográfica como contribuição significativa para a educação. Um olhar voltado para os sujeitos que fazem parte da escola.

Mãe, gostaria de falar o quanto eu te amo, e que sinto uma profunda saudade sua, tem sido muito difícil a caminhada sem ter você fisicamente por perto. Mas acredito que é possível a senhora cuidar de mim ai de cima do céu onde estás. Isso me faz manter de pé e lutar pelos meus sonhos. Graças aos seus ensinamentos e educação que me proporcionou estou suportando as dificuldades, conquistando e realizando meus sonhos, sou guerreira e forte igual a senhora.

Depois da sua partida no dia quatorze de novembro de 2000, quando eu tinha doze anos de idade, tive que deixar meus irmãos mais velhos e meu pai para trás, devido ao trabalho dele na roça não teria boas condições e nem tempo para cuidar de mim. Minha partida para São Paulo foi em janeiro de 2001, com minha tia, a sua irmã Elieda, aconteceu depois que minha avó, sua mãe adoeceu, minha tia veio cuidar dela no Ceará. Logo em seguida eu e minha tia Elieda viajamos.

Passei um ano morando em Guarulhos SP, com a tia Elieda e minhas duas primas Verônica Costa e Karina Costa. Aos domingos pela manhã tínhamos que assistir à missa na igreja, eu, minha tia e minhas duas primas. Isso garantia o privilégio de brincar de vôlei no meio da rua e passear com as/o amigas/o no parque cheio de brinquedos fixos e um campinho de areia, era ótimo para jogar futebol. Também garantia nossa aceitação como cristã por uma parte da sociedade. Pois minha tia gostava de frequentar e nos levar com ela para casa espírita às sextas feiras, lá era um lugar tranquilo. Mas deixamos de frequentar, devido a existência de gente racista que faz analogia do espiritismo com a macumba. Minha tia Elieda, chegou até explicar que tínhamos que deixar de frequentar por causa do racismo da vizinhança.

Mãe, acredito que a senhora sabe que a macumba é um instrumento musical. Mas, as pessoas racistas têm um olhar de forma depreciativa e estereotipada em relação às religiões de matrizes africanas. Causando destruição, desentendimento e fazendo confusão na vida dos seres humanos que frequentam ou são praticantes de religiões de matriz africana. Isso não deve

acontecer, pois cada pessoa deve frequentar a religião que mais se identifica com o devido direito de ser respeitada por todos e todas.

Quando chegou o período das férias fui para casa da tia Eunizete, aquela quando morava aqui no Ceará, queria me criar quando eu nasci, mas a senhora não me entregou, obrigada por tanto amor comigo. A minha tia Eunizete, trabalhava como doméstica, e tinha condições financeiras melhores que a tia Elieda, que é viúva e mãe solo de suas duas filhas. Mãe, a tia Eunizete, parecia muito com a senhora, bastante carinhosa e bondosa, com um coração cheio de amor. Esse foi o único período da minha vida depois da sua partida que tive o vazio preenchido dentro do meu peito. Gostei tanto dela que passei a morar com ela, tio Anildo, minhas primas; Cleide Sousa, Eliana Sousa, Cristina Sousa.

Realizei um de nossos sonhos, conheci a praia pela primeira vez, foi em Santos. Praticamente quase todos os fins de semana minhas primas Cristina Sousa, Cleide Sousa e eu saímos para conhecer lugares diferentes. A primeira vez que fui ao shopping e cinema também foi com minhas primas, que sensação boa assistir filme em uma tela enorme, ainda lembro como se fosse hoje assistimos monstros S.A. Karaokê era a diversão mais engraçada porque nenhuma de nós tinha habilidade com música.

A saudade de meu pai e irmãos apertou, minha irmã Perla Mendes ligava nos fins de semana falando que as coisas tinham melhorado, me convenceu, voltei para o Ceará, passei a morar com ela que já tinha casado. Quase sempre estávamos trocando de casa porque o marido da Perla Mendes, não conseguia pagar o aluguel.

Depois fui morar com meu pai Valdeci, ele era uma pessoa boa tentava oferecer o melhor para mim. Nessa época era período de matrícula e precisava da presença do meu pai na escola, então ele me contou que não sabia ler e nem escrever. Logo ele, uma pessoa tão sábia, desde quando eu era criança me incentivou a estudar, dizia que o conhecimento, e o saber era a melhor herança que eu deveria conquistar porque onde eu estivesse a aprendizagem estava comigo e ninguém consegue tomar.

Fui estudar a 8ª série em Redenção, na escola Saraiva Leão. O pai de uma colega fez minha matrícula. Na época, o ônibus escolar fazia a rota de Água Verde, até Acarape. O motorista era legal, na ida ele sempre nos levava até a escola em Redenção. Mas na volta tinha dias que ele não conseguia ir nos pegar, precisava pagar passagem, muitas vezes eu não tinha o dinheiro, andava a pé quase correndo, de Redenção até a cidade de Acarape, pegar o escolar e

chegar em casa. Mãe, Eu não contava ao meu pai para não dar preocupação, ele trabalhava muito com plantação de milho, arroz, feijão e legumes.

Passei um ano morando com meu pai, porque a mulher que ele conheceu não me aceitava muito para morar com eles. Voltei para a casa de minha irmã Perla, o marido dela e seus três filhos. Ela já tinha ganhado uma casa de seu sogro. A casa era pequena, tinha quatro compartimentos, uma sala, um quarto, uma cozinha e um banheiro. Mesmo assim ela acolheu eu e meus irmãos mais velhos, Antônio Marcos e José Mendes. Não tivemos mais problemas com aluguel, só enfrentamos a fome.

Depois fui morar em Horizonte, CE, com meu irmão Sérgio Mendes, a esposa dele e seus dois filhos, passamos por muitas dificuldades financeiras, chegamos a morar em um sítio abandonado, porque não tinha dinheiro para pagar o aluguel, ainda bem que foi só por um ano e alguns meses que moramos neste sítio. Agora as coisas já estão bem melhores, tudo diferente de antes.

Mãe tenho boas notícias para te contar, em 2019 eu me formei em humanidades pela Unilab, CE, Universidade da Integração da lusofonia Afro-Brasileira. Durante o período de formação trabalhei durante o dia e estudei durante a semana toda de segunda até sexta feira no período da noite.

Estou dando continuidade em meus estudos buscando minha segunda formação na Unilab, licenciatura em pedagogia. Estou quase conseguindo me formar, escrevo meu trabalho de conclusão de curso dedicado especialmente para a senhora. Mãe, porque a senhora batalhou muito durante a vida para que eu tivesse uma boa educação. Fez tudo que podia para que a minha educação fosse possível, e nosso sonho se tornou realidade. Porque a senhora tinha muita vontade que eu tivesse uma formação para dar possibilidade de um emprego digno.

A partir da revisão de literatura, tematizam os sentidos da formação como movimento de transformação pessoal, ou seja, enquanto os processos educativos constituem práticas sociais, a formação é interior e liga-se à experiência do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. O estar no mundo, com as pessoas e a natureza, vai abrindo caminhos para uma transformação e, ao mesmo tempo, projeta-se nas relações do sujeito, numa dialética entre o “eu” e o “nós”. Enquanto a formação coloca-se como um processo global, constituído ao longo da trajetória de vida, envolvendo uma complexidade de dimensões, as aprendizagens experienciais situam-se na particularidade dessas dimensões; são, pois, as transformações que dão capilaridade à vida e que, articuladas, produzem formação. (BRAGANÇA, 2011.p, 161).

Obrigada mãe por ter sido tão amorosa comigo, apesar de que eu tinha apenas doze anos de idade no dia em que aconteceu sua partida aqui da terra para o campo espiritual, ainda assim deu tempo da senhora me educar. Ainda me ensinou que eu devo conquistar meus objetivos e sonhos com dedicação e esforço. Tenho grandes reconhecimentos pelos seus quarenta e nove anos vividos aqui na terra. Batalhou muito para oferecer o melhor para mim e meu irmãos e irmãs. E para que hoje eu possa ter oportunidades melhores de vida. “Nessa perspectiva, definimos método autobiográfico como sendo o estudo de documentos pessoais narrados ou escritos e que inclui cartas, biografias, autobiografias, diários e necrológicos”. (SOARES; MENDES; CARVALHO 2010, p,4)

A primeira aposta é de caráter epistemopolítico, que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica. Acredita-se na capacidade do sujeito de elaborar táticas de emancipação e empoderamento, suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem. (PASSEGGI, 2016,p,309).

Eridan Mendes uma mulher negra linda e forte, no entanto enfrentou o racismo na própria pele. Foi silenciada por meio de piadas e perguntas racista sem fundamento da parte de minhas colegas da mesma escola em que eu estudava. As piadas e perguntas causavam-me desconforto só em escutar. Elas diziam que minha mãe “tinha o cabelo ruim”, “não era bonita”, isso com risos e tom racista. Perguntavam “quem é essa mulher?” “Ela é sua mãe?” “Ela não parece com você!”. Esse foi o motivo que me incentivou a pesquisar sobre racismo na escola. Com o intuito da pesquisa se tornar uma reflexão para que as pessoas não cometam racismo ou deixem de ser racistas, no caso para quem é.

A família é o primeiro grupo no qual o sujeito é inserido, por isso é onde inicia sua socialização e as lembranças mais íntimas nascem e são alocadas. É nesse grupo, pois, que o sujeito recebe as primeiras memórias compartilhadas e incorpora em sua bagagem memorial as lembranças herdadas do grupo e vivenciadas com ele, as quais são impregnadas de sentidos identitários. (SOUZA, 2014 p. 112).

Sou Maria Milene Mendes de Oliveira, uma mulher branca, hetero, cis normativa, guaiubense. Quando criança com seis anos de idade, minha mãe Eridan, me ensinou a ler com o auxílio do único livro que tínhamos em casa, uma bíblia católica. Um livro bastante grande e pesado composto por várias imagens coloridas que chamavam a minha atenção e despertava interesse em conhecê-lo. A fim de que minha escolaridade pudesse se tornar uma realidade em minha vida, e se possível futuramente que seja transformadora para o bem na educação das crianças, jovens e adultos.

Toda narrativa autobiográfica implica a inserção de quem narra no mundo da vida, e está portanto marcada pela alteridade, pela voz do outro, pelo lugar do outro e o lugar que ocupamos na vida do outro e no seio de uma comunidade. Toda narrativa

autobiográfica tem uma dimensão teleológica: ela se faz em função de um devir em construção. (PASSEGGI, 2016, p. 308).

A identidade autobiográfica é uma construção e transformação porque ela não é fixa e nem exata. Podemos moldar nossa identidade para melhor ou para pior de acordo com as nossas experiências e desejos de mudanças “. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções”. (Souza, 2014; p.100).

A discussão da autobiografia através da identidade do sujeito é de grande interesse para a ciências humanas e sociais. Para compreender melhor as incertezas que fazem parte do eu de cada sujeito. Sendo assim, se faz entender os pertences de suas raízes através da identidade autobiográfica.

A primeira forma de memória é a protomemória, uma memória de baixo nível: Trata-se de uma memória social incorporada, por vezes marcada ou gravada na carne, bem como as múltiplas aprendizagens adquiridas na infância, transmissão social que nos ancora em nossas práticas e códigos implícitos, costumes introjetados no espírito. (SOUZA, 2014, p.103).

Relembrar para configurar o eu, resulta em relembrar as experiências para uma autobiografia que irão surgir descobertas de quem sou e porque eu sou. “Entende o tempo e o espaço como “localizadores” das lembranças: “Quando nos lembramos há um contexto de dados temporais a que esta lembrança está ligada de alguma forma”. (Souza, 2014; p. 99). Essa construção ocorre desde a existência do sujeito e só para de chegar ao fim quando o sujeito para de existir no plano terrestre.

1.1. Recordando meu território

Minha principal motivação na pesquisa sempre foi minha mãe. Pois presenciei ela enfrentar racismo dentro da escola onde estudei. Por conta disso, discuto o tema do racismo dentro das instituições escolares, pelo fato de que a escola é a principal instituição que recebe diferentes representações sociais e raciais, que em muitos momentos não discutem, percebem ou atuam sobre esta problemática. Também pelos motivos que adquiri com as metodologias de ensino antirracista ensinadas pelas minhas professoras e professores da Unilab durante o curso de humanidades e principalmente na licenciatura em pedagogia. Com isto transformei meu olhar hoje é mais reflexivo.

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringem à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. (LDB, 2013, p.503).

Por conseguinte, minha outra motivação foi o professor Dr. Linconly Jesus, pois tem sido o pesquisador que me encorajou com o propósito de apresentar as ferramentas metodológicas para construção de um trabalho científico autêntico e autobiográfico, à medida que possa ser capaz de possibilitar a ampliar capacidade de somar positivamente com os direitos da educação brasileira. “Por meio da educação, o sujeito amplia sua visão de mundo e se organiza para atuar de forma crítica, propositiva e humana”. (BRAGANÇA, 2011, p.158).

A despeito de presenciar o racismo religioso dentro da escola durante o estágio, a pesquisa foi ganhando a necessidade de ser ampliada. Sinto-me no dever de pesquisar sobre a temática, com o intuito de me tornar uma professora capacitada humanizada capaz de manter a dignidade e motivação das/os alunos/as. Com o intuito de promover uma educação reflexiva e respeitosa. “A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política”. (LDB, 2013, p.502).

Em virtude de realizar o estágio, procurei uma escola pública e municipal, diante disso ocorreu um fato desconfortável pela “exclusão disfarçadamente” de direito ao estágio obrigatório. Visto que a autorização, recebimento da documentação e assinatura da diretora era necessária para a oficialização do estágio. De início apresentei os objetivos e fases do estágio obrigatório, a fim de que fosse aceito.

No entanto, tanto a diretora quanto a coordenadora demonstraram uma atitude debochada. Repetindo o que eu apresentei, com gesto irônico balançando a cabeça de um lado para o outro, por fim disse que a escola tinha nível de ensino avançado com turmas do 4º e 5º ano do ensino fundamental anos iniciais. E a coordenadora perguntou: Você quer fazer estágio nessa escola? Porque quase todos os dias é ensinado as matérias mais difíceis, português e matemática. Depois do fato ocorrido procurei outra escola para realizar o estágio. Foi onde presenciei o racismo religioso.

Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsavelmente. A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de,

relativamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. (FREIRE, 2013, P.07).

Diante disso, o professor Dr. Linconly Jesus, sugeriu ampliar a pesquisa sobre racismo estrutural e dar ênfase em racismo religioso dentro do ambiente escolar. Em razão de trazer olhares para ajudar a questionar sobre a base educadora antirracista. A Proposta Pedagógica Curricular do curso de Pedagogia da UNILAB aponta para um saber diferenciado, para um pensar e fazer críticos, criativo, antirracista, antissexista, descolonizante e inter-religioso. (PPC, Pedagogia Unilab, 2024, p.9).

À medida que os conhecimentos aumentam, percebo a oportunidade de poder despertar uma educação melhor e positiva diante as oportunidades que a Unilab tem me proporcionado através dos ensinamentos compartilhados pelo/a professores/a. “Do exposto, desde sua criação, a instituição se mostra como uma força vital no cenário educacional, oferecendo soluções educacionais avançadas, promovendo a integração Brasil-CPLP, e comprometida com o avanço sustentável das regiões e nações que a servem”. (PPC, Pedagogia Unila, 2024, p.8).

A Unilab tem uma grande potência decolonial na formação de cidadãos, quebra os paradigmas educacionais com ensino respeitoso, diversificado e interdisciplinar. Que integraliza o Brasil e os Países do continente africano que fazem parte da CPLP, Moçambique, Guiné- Bissau, Cabo Verde, Portugal, Angola, São Tomé e Príncipe, Timor Leste.

Unilab é uma instituição de ensino que oferta o direito educacional para todas as pessoas sem excluir as diversidades da existência humana, é comprometida com uma aprendizagem respeitosa de inclusão. De sorte que a universidade tem um currículo descolonizado com proposta educacional antirracista onde professoras/es oferta durante o semestre letivo.

Este trabalho tem como objetivo geral, investigar como o racismo se manifesta nas escolas, utilizando as experiências de estágio como campo de estudo. Utilizar a escola como campo de pesquisa através das experiências das componentes de estágio nas escolas. Com intuito de apontar reflexões educativas antirracistas.

1.2. Observações de estágio: Campo de pesquisa

O estágio pode se tornar mais que uma regência obrigatória dos cursos de licenciaturas. Quando o estágio é percebido como campo de pesquisa dentro da escola a responsabilidade e compromisso são ainda mais desafiadores. Assim, o estágio pode despertar um olhar mais criterioso e atencioso durante a caminhada. As pesquisas de base qualitativa são aquelas que estão preocupadas com os processos de um determinado fenômeno a ser pesquisado, Bogdan e Biklen (1994, p. 48) indicam que: “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.12.)

No decorrer do meu estágio obrigatório, presenciei uma atitude racista. A professora regente da sala sempre iniciava a aula com a oração “O pai nosso”, as crianças eram “convidadas” a ficarem de pé e realizarem a oração junto com a professora, era uma prática recorrente. Depois disso, a aula era iniciada abordando os conteúdos. Talvez a atitude da professora fosse de maneira “inconsciente”, por desconhecer o que é racismo religioso no ambiente escolar, ou não.

A escola é uma instituição educativa e laica, por tanto a oração do “pai nosso”, não contempla todas as perspectivas da diversidade religiosa. Uma vez que a/o educadora/o, institui a prática da oração o “pai nosso” dentro da escola para as crianças, logo acontece uma catequização em um ambiente que não é propício para prática religiosa. “Cuja função educacional, enquanto parte integrante da formação básica do cidadão, é assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos”. (BNCC, 2017, p.433).

Não tem necessidade e não pode acontecer de educadores terem uma visão proselitista ou tentar catequizar os/as estudantes. Essa prática é totalmente contra ao que a Lei 10.639/2003, pois promove diversidade cultural e religiosa. O respeito à diversidade cultural e religiosa nos tornam cidadãos civilizados.

Por essa razão, não é adequado realizar oração dentro da escola. Pois os/as alunas/os não são praticantes de apenas uma religião. “É importante destacar que não se trata de mudar

um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira”. (LDB, 2013, p.503).

A despeito de outro ato racista que me deixou sensibilizada foi logo no início da aula de português com contação de história. A professora contou a história proposta pela secretaria de educação do município, ‘baú ancestral: história de bisavó’. Pois falava sobre a importância de respeitar a cultura ancestral, familiar, amor, ligação que a bisavó tinha com Iemanjá.

Logo que terminou a história a professora comentou sobre todos os personagens, exceto Iemanjá. Percebendo que ela não iria abordar sobre o assunto. Eu perguntei às crianças, “Vocês conhecem Iemanjá?”. Um menino branco, respondeu, “eu conheço!”, ela é a rainha das águas do mar! “Minha mãe já me falou sobre iemanjá”. Em seguida, a professora sugeriu encerrar com a narrativa da história e realizar uma atividade escrita. “Precisa, o Brasil, país multi-étnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos”. (LDB, 2013, p.503).

Iemanjá representa o sentido da educação, o acolhimento e a união entre família. “É o sentido da união, seja por laços sanguíneos ou não” (BARCELLOS,2012, p.108). Representa os conhecimentos deixados pelos nossos ancestrais como nossos avós/os. Essas são algumas razões entre tantas outras que Iemanjá é personagem da história infantil trazendo uma proposta rica em cultura ancestral e respeito entre as/os alunos/as. “Iemanjá a majestade dos mares, senhora dos oceanos, sereias sagradas, Iemanjá é a rainha das águas salgadas, considerada como mãe de todos os orixás, regente absoluta dos lares, protetora da família”. (BARCELLOS, 2012, p. 108).

A história infantil contada na escola mostra a avó como uma representante da família que já partiu para o plano espiritual, mas que deixou seus conhecimentos vivos na memória de seus familiares, amigos/as. Iemanjá também nos remete a esses seus conhecimentos culturais, religiosos, reconhecidos e vividos por nós. “Iemanjá que deste modo, deu origem ao mar, procurou entender a atitude do filho, pois ela é a mãe verdadeira e considera a mãe não só de Ogum, Exu e Oxóssi, mas de todo o panteão dos orixás”. (BARCELLO,2012 p.111).

É visível que a criança, estudante do 3º ano do ensino fundamental anos iniciais, tem conhecimentos e direito para falar sobre Iemanjá, mas, foi silenciado pelo racismo religioso.

“Iemanjá é o sentido da educação que damos aos nossos filhos, o mesmo que recebemos de nossos pais, que aprendemos com nossos avós”. (BARCELLOS, 2012, p. 108).

Será que a escola está mesmo de fato abordando e combatendo a temática racismo como dever ser? Será que um dia conseguimos conscientizar as pessoas a não praticar o racismo? É de grande relevância que estejamos preparadas/os para interromper, acabar, diminuir as mazelas do racismo. Pois o racismo abala emocionalmente e é adoecedor, covarde, deixando marcas negativas, provocando o silenciamento, e pode até ser uma das causas do abandono escolar, um lugar que é para ser de inclusão e acolhimento de todos e todas.

Assim sendo, nós enquanto educadoras/es temos o compromisso para desfazer o pensamento eurocêntrico que visa a pessoa negra como se ainda estivesse no passado escravocrata. “Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos”. (LDB, 2013, p.501).

A escola não deve ter um olhar voltado para a população negra afro-brasileira, indígena, quilombola e africana e outros povos como uma imagem desvalorizada. Precisamos valorizar as culturas afro-brasileira e africanas pois fazem parte de nós, nos constituem enquanto seres humanos. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola. (LDB, 2013, P. 502). Porém, a questão que está sendo discutida tem o propósito de tentar ressignificar o que foi negado para ser direito humano.

Assim, na educação básica brasileira, é imprescindível valorizar o olhar da África por ela mesma, bem como o caráter interdisciplinar no ensino de História da África e da Cultura Afro- -Brasileira, discutindo a temática ao longo do ano letivo e buscando aproximá-la das diversas disciplinas curriculares, não se restringindo apenas à “responsabilidade” do professor de História. (MARQUES, 2017, p.178)

Com o propósito de apontar uma educação antirracista atuante é necessário que as escolas respeitem os direitos educacionais do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira desde o ensino básico de educação, e em todos os níveis de ensino nas matérias obrigatórias no ensino de artes, língua portuguesa e literatura. Nas outras materiais de maneira disciplinar e transdisciplinar.

Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de

processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no ensino superior. (LDB, 2013, p. 507).

Referente à inclusão e integração do ensino com padrões culturais globais e internacionais, a Unilab é referência em ensino superior. “Nesse universo, no curso de Pedagogia da UNILAB foi dada uma atenção particular à lei 10.639/03 que modifica a LDB em 2003, incluindo a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira em todo o sistema de ensino básico do Brasil”, (PPC, Pedagogia Unilab, 2024.p,13). Entre muitos cursos da universidade que destacamos; “A Licenciatura em Pedagogia UNILAB emerge com a missão de formar pedagogas e pedagogos pautados pelo compromisso de respeitar, valorizar e disseminar os valores e princípios de base africanos e afro-brasileiros”. (PPC, Pedagogia Unilab, 2024, p.9).

A Unilab tem a missão de formar cidadãos com respeito e integração de pessoas dos Pais da CPLP. “A UNILAB é distinguida pela oferta de ensino superior público de qualidade, pesquisa diversificada, extensão universitária robusta, e formação de recursos humanos para o Brasil e países da CPLP, impulsionando o desenvolvimento regional e o intercâmbio global”. (PPC, Pedagogia Unilab, 2024. p.6).

Já se passaram quatorze anos de emancipação, “A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB - Unilab foi estabelecida pela Lei nº 12.289, em 20 de julho de 2010, atuando como uma autarquia ligada ao Ministério da Educação e integrando a rede federal de ensino superior”. (PPC, Pedagogia Unilab, 2024, p.6). A implementação das políticas públicas para combater o racismo é referência na universidade desde sua existência.

Nas sábias palavras de Munanga, “As contribuições histórico-culturais que os países da África deram ao Brasil estão presentes em todos os discursos, antigos e novos. Elas são evocadas para dar legitimidade histórica, quase “natural” das relações África-Brasil a serem construídas “. (2005,2º ed.p.15). Como é percebido pelos/as estudantes do curso de pedagogia da Unilab/CE, nas componente curriculares de estágio o racismo estrutural, religioso e epistêmico, no chão da sala de aula?

Para contribuir com o resultado final da pesquisa foi enriquecedor o olhar crítico e percepções das/dos discentes do curso de pedagogia por meio das entrevista realizada a respeito da dimensão de racismo no ambiente escolar. Pois enquanto pesquisadora foi importante conhecer além do meu olhar a respeito da temática racismo.

CAPÍTULO 2: RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL E SUAS FORMAS CORRELATAS

A construção desse capítulo apresenta o racismo estrutural dentro das escolas do território brasileiro. Assim como também apresenta maneiras de desconstruir o racismo por meio da conscientização e reconhecimento das diversidades religiosas, étnico-raciais existentes. Por fim, as práticas antirracistas escolares são como um dever de todas/os professoras/es.

Presenciamos cotidianamente nas salas de aula de todo o Brasil, casos em que professoras e professores que impõem a prática religiosa dominante, ou seja, cristã, desenvolvendo o proselitismo religioso, onde o papel da escola deveria ser o da construção de um ambiente laico. Diante disso, pretendemos desconstruir pensamentos e atitudes racistas para incentivar práticas antirracistas no ambiente escolar.

Outro descaso é o racismo estrutural que acontece diariamente dentro das escolas brasileiras e ultrapassa para outros ambientes. No Brasil constata-se uma grande miscigenação de raças: branca, parda, negra, amarela e indígena, porém pessoas negras são as que mais tem enfrentado o racismo, que em muitos casos acontece até mesmo dentro de casa por parte de seus familiares. O racismo se prolonga para dentro da escola, onde alunas/os negras/os encontram várias barreiras como a falta de debate sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, ausência de materiais didáticos com representatividade positiva negra. Posto que o silenciamento de práticas de combate contra o racismo aumenta as barreiras racistas.

Reconhecer exige que os estabelecimentos de ensino, frequentados em sua maioria por população negra, contem com instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação. (LDB, 2013, p.499).

Ressalta-se, que ao longo do tempo o Brasil tem acumulado uma dívida histórica com a população negra brasileira, afro-brasileira, indígena, quilombola, devido às falhas na prática das políticas públicas dentro do ambiente escolar e nas demais repartições ambientais. O sistema escravista se prolongou ao longo de décadas e contribuiu para estereotipar uma imagem depreciativa da população negra. Sistema esse formado pela crueldade racista, fizeram um abominável massacre contra pessoas negras, indígenas e quilombolas.

Os problemas continuam a surgir no cotidiano, no entanto, deve-se continuar o processo de questionamento da exclusão de direitos que recaem sobre a população negra e classe trabalhadora. De forma de ocupação política cada vez mais em espaços no mercado de trabalho, nas universidades e em todas as áreas da sociedade para ocuparem seus lugares de pertença e de direitos. Para com isso enfrentar os desafios gerados pelas desigualdades raciais.

No Brasil, conforme anunciado, o tema dos Direitos Humanos ganha força a partir do processo de redemocratização ocorrido nos anos de 1980, com a organização política dos movimentos sociais e de setores da sociedade civil. Estes se opuseram a um regime ditatorial (1964-1985), de tipo militar, que, por suas deliberadas práticas repressivas, se configurou como um dos períodos mais violadores dos Direitos Humanos. (LDB, 2013, p518).

Assim, o conjunto de trabalhos apontam que vivemos em uma sociedade marcadamente racista, mesmo com a demora do reconhecimento da existência da negritude, como situa Munanga (2007, p.15) apresenta que “Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com as diversidades”. Isso causa um ciclo repetitivo da reprodução do racismo.

Inicialmente a educação formal brasileira ocorreu por meio dos jesuítas. Por conta disso, o ensino se desenvolve de maneira catequizada nas escolas. Isto resultou em consequências de atrocidade e apagamento das culturas e crenças religiosas dos povos indígenas que já habitavam em terras brasileiras, eles foram chamados pelos europeus na época de pessoas sem cultura, sem educação, pagãos sem religião e não civilizados.

Nós Brasileiros oriundos de diferentes grupos étnicos raciais indígenas, africanos, europeus, asiáticos, aprendemos a nos situar na sociedade, bem como o ensinamos os outros e outras menos experientes, por meio de práticas sociais em relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas nos acolhem, rejeitam ou querem modificar. Deste modo, construímos nossas relações nacional, étnico-racial, pessoal, aprendemos e transmitimos visões de mundo que se expressa nos valores, posturas, atitudes que assumimos, nos princípios que defendemos e ações que empreendemos. (PETRONILHA, 2007, p.491).

Posto que, antes da chegada dos europeus, comunidades indígenas já possuíam educação e eram civilizados. Tinham suas religiões de crença, fé, cultura e falavam vários idiomas, na qual foram destruídos porque não era permitido falar outra língua na sala de aula, que não fosse o português ensinado pelos europeus e jesuítas.

A partir dos indígenas, africanos, europeus, asiáticos, ciganos e vários outros povos, o Brasil foi constituído. Os/as brasileiros/as foram procriados de diferentes grupos étnicos. Os povos africanos tiveram importante contribuição com a construção e formação de toda sociedade brasileira.

O africano foi inserido massivamente na sociedade brasileira em construção, contribuindo não somente na elevação dos casarões dos senhores brancos e no trabalho forçado nas minas, canaviais e engenhos, mas colaboraram enquanto atuante dinâmico na formação sociocultural do Brasil. Entendemos, aqui, o continente africano carregado do outro lado do atlântico para cá, não como o escravizado de suas ciências, culturas, religiões, identidades, mas como um agente civilizatório, que continua e reinventa suas experiências sociais em novas terras, com novos contextos. (PEREIRA; JUNIOR, 2019, p.119).

A construção do País não foi de maneira romântica e caridosa, porque os europeus queriam a todo custo dominar o Brasil. Houve consequências em relação ao apagamento das culturas dos povos nativos causou atrocidade, diversos tipos de idiomas indígenas que faziam parte do cotidiano deixaram de existir forçadamente, foram muitas perdas de línguas faladas. Assim como também houve destruição de culturas religiosas indígenas, afro-brasileiras e dos outros povos que constituíam o Brasil, o desmanche das culturas refletem no ensino educacional de maneira negativa.

A imposição religiosa dentro da sala de aula iniciou-se de maneira racista e opressora contra os indígenas brasileiros/as, descendentes de afro-brasileiras/os negras/os e todos os outros povos que tinham crenças diferentes da religião cristã. Fazendo essas pessoas se tornarem oprimidas pela negação de seus direitos, com a intenção de apagar seus pertencimentos religiosos e culturais. No entanto, foram os primeiros grupos a vivenciar o racismo religioso, pois os seus direitos de escolha e práticas religiosas foram negadas através do desensino. Devido a imposição religiosa opressora dentro da escola, é considerável um desensino, pois ao tentar retirar a cultura de um povo é o mesmo que apagar toda suas histórias causando um corte de suas raízes ancestrais.

Dentro das escolas acontecia um tipo de ensino catequizador. Posto que a imposição religiosa é um pensamento eurocêntrico, que pretende construir no imaginário das pessoas uma ideia de que só existe uma religião verdadeira. Com o propósito de que todas e todos acreditem que a religião cristã é a única correta que as pessoas devam praticá-la. De modo a transmitir ideias que todas as outras religiões são práticas demoníacas.

A falta de respeito e imposição religiosa em querer catequizar alunos/as no espaço escolar é um ato opressivo e racista, contra as crianças, jovens, adolescentes, adultos e com os demais que fazem parte do ambiente educacional. Sabemos que o ensino religioso existe sim e faz parte do currículo escolar, e precisa continuar existindo com o propósito de acabar ou diminuir o racismo religioso.

Entretanto, é preciso que professoras/es, escolas e secretarias de educação, amplie a discussão das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, no ensino escolar. Porém, existe descaso pela falta de aplicação das Leis educacionais. Talvez por falta de conhecimentos adquiridos durante sua formação ou por falha na formação continuada para professoras/es. No entanto, devemos respeitar as adversidades religiosas, culturais afro-brasileira e africana no ensino escolar. Ao realizar uma oração cartesiana dentro do ambiente educacional, estará distorcendo a aplicabilidade às Leis educacionais. A Lei De Diretrizes e Base não sugere fazer nenhuma prática de oração religiosa dentro da sala de aula. Devemos conhecer, pesquisar e aplicar a LDB para desconstruir as práticas racistas. Visto que ser professora/o requer conhecimentos contínuos constantes.

As instituições educacionais não são um espaço sagrado para se praticar religião por meio da prática de oração, catequização, ou evangelização. Assim como também a escola não deve demonizar, satanizar ou ter um olhar de ódio com as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, e as demais religiões que não fazem parte da religião cristã europeia cartesiana. A escola é um ambiente educativo, cultural, filosófico e social, que tem o dever de ser local para acolher a todos e todas com interatividade. Infelizmente ocorre o racismo religioso e exclusão com alunos/as que têm sua crença religiosa diferente do padrão colonial.

Visto que é percebido que o intuito existente na demonização das religiões de matrizes africanas por pessoas racistas é retirar o direito da cultura ancestral. Podemos apontar que o racismo religioso destrói e desqualifica as religiões de matrizes africanas. No entanto, querem demonizar as religiões de matrizes africanas causando medo nas pessoas. Os dominantes colonizadores europeus têm essa estratégia de impor o medo em relação às religiões de matrizes africanas, causando o impedimento de muitas pessoas conhecerem e praticarem. Pois as divindades africanas nos mostram que o poder não é intocável. É a religião cartesiana cristã que quer ser a única conhecedora do poder espiritual.

A contenção da energia de exu torna-se peça fundamental para as estratégias de dominação e colonização no período da escravidão, pois, através dessas amarras, o corpo dos escravizados foi colonizado, ancorado, os desejos não mais poderiam ser realizados, ocasionando uma trama muito bem estruturada pelo pensamento

eurocêntrico. Esse sistema nefasto, atribuiu o estereótipo que as religiões de matrizes africanas carrega até hoje e que busco desconstruir na estruturação de minhas reflexões assim como milhares de educadores/as cotidianamente, só que agora com o peso de uma construção epistemológica que parte da África e se ancora nos terreiros como espaço de referência no contexto brasileiro. (PEREIRA, 2020, P.200-201).

As culturas religiosas de matrizes africanas foram negadas ao direito de serem vivenciadas publicamente. Isso causou o silenciamento e opressão, mas em hipótese alguma e jamais o apagamento das religiões de matrizes africanas e as culturas deixadas pelos nossos ancestrais não deixaram de existir.

Alguns seres humanos desconhecem a religiosidade ou são racistas e tem em seu pensamento a negatividade sobre religiões de matrizes africanas e afirmam que é uma prática demoníaca. As pessoas não se dão conta e nem percebem que essa negatividade é uma maneira de dominação entre tantas outras que existem, e não de demonização.

A luta antirracista é um dever de todos(as), tendo em vista a necessidade de ressignificação urgente da humanidade diante das estruturas que ainda reforçam o racismo religioso na contemporaneidade. Qualquer pessoa que se ligue à ancestralidade negra ou afro-indígena tem que estar diretamente ligada à luta antirracista. (PEREIRA, 2021, p.114).

O racismo é uma ideologia que surge da natureza de uma denominação social acompanhada pelas diferenças étnicas, raciais, religiosas e sexuais. “Os contornos estabelecidos entre conquistadores e conquistados, dominantes e dominados eram claramente religiosos e étnicos: cristãos, europeus, dominantes, pagãos e africanos, dominados”. (BESERRA; LAVERGNE, 2018, p).

O sistema de ensino desde a época colonial mantém interesse em uma educação com base na catequização dos(as) estudantes. Entretanto, ou talvez alguns educadores não estão repassando o ensino educativo de acordo com a LDB. Pois a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional não sugere fazer alguma prática de religião dentro da sala de aula.

A escola, como espaço público, vive os dilemas da consolidação desse difícil enfrentamento das práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, uma vez que, como espaço sociocultural, tende a reconstruir a informalidade pautada na falta de igualdade. Porque tratar de racismo é tratar daquilo que nos toca cotidianamente, da dor presente no outro e em nós mesmos! Da dor que podemos causar ou impedir. (MEINERZ, 2017, p67).

É de extrema importância que toda a comunidade escolar se faça presente com ação na educação antirracistas possibilitando avanço no ensino e aprendizagem dos/ as estudantes com bom significado para a vida dos/as alunas/os. Pois a educação é poderosa e transformadora, principalmente quando é promovida com amor e respeito. “O afeto à causa parece estar

conectado com a sensibilidade do professor em perceber mais do que um aluno a sua frente, compreendendo o jovem e a criança que ali se apresentam, por vezes em situações de vulnerabilidade social e de discriminação étnico-racial”. (MEINERZ, 2017, p.72).

O racismo é mascarado pela ideologia de que existe igualdade para todas/os no Brasil. Transmitindo uma visão falsa dos fatos sociais existentes dentro da sociedade. Isto muitas vezes é transmitido até mesmo pelas mídias sociais, informa que o esforço é suficiente para atingir conquistar uma qualidade de vida. Ora isso nem sempre é verdade porque as oportunidades não são iguais para todas as pessoas. Quem é da classe trabalhadora e mora na favela não tem as mesmas oportunidades de quem é da classe alta e mora em um bairro da alta burguesia. “A história do Brasil como país e povo não pode continuar a rechaçar a memória da escravidão e sua contribuição na formação do povo brasileiro, na construção de sua economia colonial e no enriquecimento de sua diversidade cultural”. (MUNANGA, 2018, p.7).

A prática racista faz o negro ser visto apenas pelo passado escravocrata forçado que vivenciou na qual lhes foi negado os seus direitos básicos de cidadania. “Nessa perspectiva, a/o professora/o deve assumir a dimensão de pesquisadora/o de sua ação educativa quanto à temática racial, preparando-se ética e pedagogicamente, para que possa expressar o reconhecimento e a compreensão do papel social e político da instituição escolar”. (SEDUC, p.09).

De lá para cá, muito se caminhou, no entanto, há muito mais ainda para caminhar! Exemplo disso é a Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011, institucionalizando o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, resultado das reivindicações dos Movimentos Negros, que não reconhecem o dia 13 de Maio como a Abolição da Escravatura. O 20 de Novembro, assim, torna-se um marco importante na Educação para as Relações Étnico-Raciais, pois é a partir dele que as escolas passaram a implementar a Semana da Consciência Negra nos calendários escolares. (SEDUC, p.06).

Nesse sentido, podemos afirmar que referente às políticas públicas raciais e educacionais falta fiscalização para implementação. Por mais que seja lei ainda não há o desfrute dos direitos educacionais e raciais como deve ser. Dificuldades e Desafios foram enfrentados para se adquirir educação e igualdade dentro da escola para que haja um ensino de qualidade com a inclusão e permanência dos/as estudantes, em razão de ser um direito.

Recentemente, o Brasil promulgou por meio do Decreto Nº 10.932, de Janeiro de 2022, a Convenção Interamericana contra o Racismo, a Discriminação Racial e Formas Correlatas de Intolerância, passando a configurar entre os países que adotam a Convenção, afirmando o princípio de que a discriminação racial pode basear-se em raça, cor, ascendência ou origem nacional ou étnica. (RIBEIRO, 2022, P.93)

O racismo é sobretudo uma absurda desumanidade com a sociedade a começar pela distribuição de renda. “A criação do ministério de educação e saúde após a tomada do poder no dia 24 de outubro de 1930, mostra que a educação começa a ser reconhecida, também no plano institucional, como uma questão nacional”. (BESERRA; LAVERGNE, 2018, P.81).

As manifestações de racismo são desumanas, capazes de causar consequências destruidoras e barreiras entre as pessoas. Porque o racismo é violento e pode impedir sonhos básicos durante a vida escolar interrompida, onde a educação tem o dever de constituir os direitos dos seres humanos. Devido a práticas racista alunas e alunos podem deixar de frequentar a sala de aula. A conscientização sobre as consequências do racismo e não praticá-lo é recomendável para que haja respeito na educação.

O racismo interno do espaço escolar tem bastante desinteresse na transmissão de saber da aprendizagem sobre as diversidades religiosas culturais e étnico-raciais, seja de imediato ou no decorrer da formação escolar das/os alunas/os. “Que efeitos produzirá, por exemplo, a instituição de leis, como a Lei Nº 10.639/2003, que altera a LDB/1996 tornando obrigatória a educação das relações Étnico- Raciais e o ensino da história e cultura Afro-Brasileira no ensino básico em todas as escolas do País?” (BESERRA; LAVERGNE, 2018, p.106-107). Por isso é fundamental políticas públicas comprometida com uma educação que promova respeito. Para estar matriculado na escola e manter-se frequentando as aulas com assiduidade é necessário que a escola ofereça o ensino com dignidade respeitando as Lei educacionais para com todos e todas estudantes e educadores.

2.1. Práticas antirracista na educação básica

Na escola se inicia os primeiros anos de vida intelectual das crianças enquanto estudantes. No entanto, enquanto educadoras/es temos o dever de incluir todas e todos no sistema escolar. Assim como devemos ensinar com o objetivo de fazer com que as crianças permaneçam na escola e aprendam os conteúdos educacionais com qualidade e respeito.

Uma ação para o ensino de qualidade, respeito e permanência das crianças é a inclusão delas na escola e na sociedade, diante suas diferenças étnico racial e religiosas existentes na vida dos seres humanos. Para isso acontecer temos que conscientizá-las a não praticar o racismo. Mesmo sendo os primeiros anos de estudos das crianças, elas já trazem de casa consigo

alguns conhecimentos que aprenderam com seus familiares e da interação social, que podem trazer atitudes e práticas racistas.

Em virtude, que a educação escolar deva ser um ambiente adequado para desfazer atitudes e pensamentos racistas, onde desde cedo as crianças aprendam a respeitar umas às outras, de forma que as diferenças não se tornem desigualdades por conta do pertencimento racial ou por serem praticantes de religiões diferentes da religião cristã.

Todavia, mesmo sabendo que alguns professores reproduzem o racismo dentro da sala de aula, ainda acredito que cabe a ele, a partir de sua qualificação contribuir em resgatar valores, que contribuam de maneira respeitosa na construção da identidade de seus alunos/a negros/a, brancos/o, amarelos/a, indígenas, asiáticos e quilombolas.

O Brasil é composto por aspectos multiculturais, na qual inclui raça, gênero, diferenças individuais, religiões, crença, classe social. No entanto, é interessante que a educação por meio do currículo escolar tenha três requisitos de ensino indispensáveis; multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar: Pois é necessário a interação e integralização de diferentes saberes para se adquirir uma aprendizagem multicultural de qualidade.

Na organização e gestão do currículo, as abordagens disciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar requerem a atenção criteriosa da instituição escolar, porque revelam a visão de mundo que orienta as práticas pedagógicas dos educadores e organizam o trabalho do estudante. Perpassam todos os aspectos da organização escolar, desde o planejamento do trabalho pedagógico, a gestão administrativo-acadêmica, até a organização do tempo e do espaço físico e a seleção, disposição e utilização dos equipamentos e mobiliário da instituição, ou seja, todo o conjunto das atividades que se realizam no espaço escolar, em seus diferentes âmbitos. As abordagens multidisciplinar, pluridisciplinar e interdisciplinar fundamentam-se nas mesmas bases, que são as disciplinas, ou seja, o recorte do conhecimento. (LDB, 2013, p. 27-28).

Transdisciplinar porque conecta vários assuntos com diversas matérias escolares, permitindo uma troca rica de ideias, oferecendo uma visão abrangente sobre os temas estudados. Multidisciplinar porque aborda o mesmo tema por meio de diferentes matérias escolares, aumentando a qualidade do ensino e promovendo maior responsabilidade no aprendizado. Interdisciplinar porque facilita a troca de métodos e conhecimentos entre professoras, professores e alunas/os, promovendo um verdadeiro encontro de saberes, livres de arrogância.

Esses três aspectos mencionados anteriormente são indispensáveis para a descolonização do currículo escolar tradicional eurocêntrico cartesiano, que ainda repassa uma visão de conhecimento único dominante antidemocrático. Na qual menospreza e inferioriza

diferentes grupos étnico-racial, gênero, as diferenças individuais humanas, as religiões de matrizes africanas desprivilegiadas, classe social trabalhadora que é estigmatizada pela pobreza.

O currículo escolar eurocêntrico nos desconecta da nossa realidade histórico cultural tornando as pessoas alienadas. Dessa maneira não é possível uma aprendizagem crítica, ampliação dos saberes. Já o currículo descolonizado possibilita uma amplitude multicultural da aprendizagem, uma conectividade cultural, uma conscientização crítica da realidade brasileira, transformação social e democrática.

A educação bancária promove a opressão e o silenciamento, tendo em vista potencializar apenas a participação dos(as) estudantes que demonstram habilidades necessárias para absorverem os conteúdos que estão sendo trabalhados, não promovendo a reflexão nem a crítica, deixando de lado a grande maioria que não consegue acompanhar o que está sendo desenvolvido em sala de aula ou, simplesmente, não tem afinidade nenhuma com o conteúdo porque este não é contextualizado com a sua realidade. (PEREIRA, 2021, p.116)

Para que a prática antirracista seja uma realidade nas escolas precisamos exigir a prática obrigatória das Leis 10.639/2003/ 11.645/2008, durante todo ano letivo. A aprendizagem colonial proporciona a libertação da opressão causada pelo racismo e exclusão de direitos educacionais.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. (LDB, 2013, p.512).

Estas legislações educacionais foram regulamentadas pelo Conselho Nacional de Educação, por meio do Parecer CNE/CP 6/2002, bem como a alteração da Lei 9394/1996 e inclui a Lei 10.639/2003, tratam das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino e cultura Afro-Brasileira e Africana. A seguir uma nova Lei 11.645/2008, surge para ressignificar a obrigatoriedade na educação básica e ensino médio das escolas públicas e privadas de todo território nacional a implementação da história e cultura dos povos indígenas, afro-brasileira e africana no currículo escolar.

Junta-se, também, ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.096, de 13 de junho de 1990), bem como no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001). Todos estes dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da

história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir. (LDB, 2013, p.497)

A ruptura do currículo racista colonial para o decolonial contou com a contribuição do movimento negro que reconhece o currículo como política democrática. Isto afirma que antes das Leis 10639/2003 e 11645/2008, serem elaboradas e implementadas na educação escolar brasileira, o movimento negro na qual é um grupo social ativo em toda comunidade. Reconhece que o pertencimento histórico e cultural da população negra afro-brasileira, africana e indígena não era incluído no currículo escolar.

Diante deste fato, o movimento negro se organiza politicamente para incluir no currículo escolar a inclusão da história, cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar. Com intuito de diminuir o racismo no chão da escola. Percebendo que as instituições educacionais são ambientes propícios para se emancipar políticas públicas. Pois a educação deve ser ampla em termos de representatividade, já que é composta por uma imensa diversidade.

CAPÍTULO 3: ENTREVISTAS COM DISCENTES DA COMPONENTE DE ESTÁGIO EM ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

Para aprimorar o desenvolvimento deste capítulo iremos apresentar as entrevistas realizadas com discentes, nacionais e internacionais, da Unilab CE. Dividimos os resultados das entrevistas no formato de duas tabelas para organizar e discorrer as entrevistas de maneira sucinta sobre as experiências de estágios das/os discentes, com as relações de racismo no ambiente escolar. Como tais contribuições podem proporcionar uma desconstrução do racismo de maneira mais ampla e crítica. Refletir sobre as vivências e experiências de estágio dentro do ambiente escolar.

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas em duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134).

Concluimos a entrevista com vinte e uma perguntas feitas para cada participante, totalizando onze pessoas. Sendo que um participante masculino, brasileiro, atualmente formado em pedagogia, não foi incluído na tabela porque respondeu o questionário no período em que a tabela já tinha sido elaborada, porém as respostas dele foram analisadas. “Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”. (GI, 2002, p.53). Pois houve uma observação direta dos grupos entrevistados para fazer análises das respostas.

As perguntas foram de natureza pessoal, para conhecer melhor as/os participantes e organização da pesquisa. Perguntas de análise, para conhecer o pensamento crítico e os conhecimentos intelectuais das/os entrevistadas/os. Delimitamos o público, em discentes de estágio em ensino fundamental anos iniciais, do curso de pedagogia. Hoje dez pessoas das/os entrevistadas/os estão formadas/os, apenas uma discente está em processo de conclusão em pedagogia. E por questão de privacidade e ética educacional, optamos por não identificar os nomes pessoais das/os discentes entrevistadas/os, assim como o endereço e nome das escolas em que foram realizados os estágios. “A preservação da identidade dos respondentes constitui problema de alta relevância ética”. (GIL, 2002, 133).

Contanto que disponibilizamos cinco perguntas com respostas em cada tabela, subdividida em dois grupos; tabela 1 e tabela 2. Logo que duas perguntas são disponibilizadas em formato de parágrafo. Pois mostra a observação crítica sobre racismo em sala de aula.

Muitos estudos de campo possibilitam a análise estatística de dados, sobretudo quando se valem de questionários ou formulários para coleta de dados. No entanto, diferentemente dos levantamentos, os estudos de campo tendem a utilizar variadas técnicas de coleta de dados. (GIL, 2002, p. 133).

Pergunta: Durante o estágio, você presenciou alguma situação de racismo estrutural, étnico-racial ou racismo religioso? Se sim, descreva o contexto do ato racista? “No entanto, apenas um participante disse que presenciou racismo durante o estágio. Resposta do A.J. brasileiro: Acabei presenciando o racismo de forma escancarada entre os estudantes. Era na sala de aula, onde acontecia de um estudante para com outro, no qual os mesmos tinham o hábito de apontar características (como nariz, boca, e afins) e fazer comparações a animais (comumente, era o macaco)”.

Neste fato que ocorreu durante o estágio do A.J. brasileiro, precisava e precisa professora/o corrigir atitudes racistas das crianças dentro do ambiente escolar, pois uma de suas responsabilidades é atribuída aos profissionais da educação. Assim como também é preciso uma atitude por parte da gestão escolar para conscientizar sobre atitude racista. “Espera-se que na realidade das escolas a administração capitalista produza um ensino de melhor qualidade, demonstrando aspectos positivos de sua dimensão especificamente técnica-política” (PARO, 2016, p,372).

Estagiárias/os do curso de licenciatura em pedagogia da Unilab CE, respeitam uma série de etapas durante a realização de seu estágio obrigatório, seguida por observações em sala de aula e em outros ambientes da escola para conhecer a interação, aprendizagem das crianças e a abordagem metodologia da/o professora/o regente, apoio pedagógico em sala de aula e regências. Compreende-se à docência como base para qualquer que seja o trabalho do pedagogo. Apesar do exposto, o curso oferecerá ao discente a possibilidade de experimentar em situação de estágio todas as atuações da profissão como pedagogo. (PPC, Pedagogia Unilab, 2024, p.51).

Em virtude de realizar o estágio antes de ir para a escola campo, existe uma série de sequências metodológicas pedagógicas disponibilizadas pela licenciatura, aulas teóricas, orientação sobre os fundamentos e realização de estágio, entrega e assinatura da documentação na escola em que vai ser realizado o estágio. Construção do início de um projeto para termos a

visão do estágio como pesquisa. Estas atividades são fundamentais para a formação integral dos discentes, garantindo uma experiência de estágio rica e diversificada, em consonância com os valores e objetivos da UNILAB. (PPC, Pedagogia Unilab, 2024, p.52).

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. (LDB,2013, p512)

Pergunta: Você já foi alvo de racismo durante o estágio? Se sim, poderia descrever o ato racista? Como reagiu? Resposta da F.R. brasileira: “Sim, pelo um aluno da sala de referência ao qual eu estava estagiando, 1 ano das séries iniciais. Na minha regência enquanto eu narrava a história infantil o cabelo de Lelê, o menino disse que o meu cabelo também parecia uma esponja, e eu respondi, q no caso parecia mais era um cabelo, e diferente da esponja, não era utilizado na limpeza, e sim na beleza da minha cabeça, mais após a fala, procurei explanar o assunto para todos presentes”.

F.R. brasileira, tem grandes potencialidades, maturidade e preparação intelectual. Mostrou que não tem medo do racismo sufocante, mesmo diante de ambiente com várias pessoas. “Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira”. (EVARISTO, 2009, p.19-20). Bom seria se todas as pessoas reconhecessem a importância das raízes culturais. “A cultura negra, também denominada afro, norteia e inspira a cultura brasileira, pois é integrante desta”. (Hilder Kuiawinski, 2014, p,26). F.R. brasileira, reconhece suas raízes, a valorização existente de sua pertença afro-brasileira, isso é uma maneira de impedir a contaminação do racismo. Porém, o racismo é uma ignorância que causa uma incapacidade intelectual, da parte de quem causa ou pratica racismo em qualquer idade ou estágio da vida.

Tabela 1

Nº DE QUESTÕES/ DISCENTES	PERGUNTAS/ RESPOSTAS
PERGUNTA 1	Durante o momento de acolhida, alguma prática de orações, era realizada dentro da sala de aula ou em outro local da escola? Se sim, qual a oração?
A.J Brasileiro	Comente, havia a prática de realização da oração “pai nosso”.
N.K Brasileira	Sim, oração Pai Nosso
A.G Guiné Bissau	Sim , era realizado para que todos orassem pelas suas famílias.
F.R Brasileira	Sim, porém eram dizeres que não especificavam um credo, só pedia bênçãos para todos.
C.C Brasileira	A acolhida era feita de forma online e dificilmente tinha orações, mas quando tinha alguma coisa de religião, era cristãs
PERGUNTA 2	De acordo com os seus conhecimentos, o que é racismo estrutural?
A.J Brasileiro	Racismo por si só, apresenta-se enquanto um fenômeno (e construção) social para com as questões raciais, galgadas em um contexto histórico no qual instaurou-se uma hierarquia pelo requisito preestabelecido por coisas, na maioria das vezes, inexistentes. Em outras palavras, entende-se que o racismo estrutural é a capacidade que determinadas instituições (logo, imbrica-se na população) tem na questão de preestabelicer pensamentos para com a população negra sobre suas capacidades, habilidades e competências únicas e exclusivamente por conta de sua raça/cor.
N.K Brasileira	Conforme estudos na unilab, pude compreender que o racismo estrutural se refere as formas pelas quais o racismo esta enraizado nas instituições, estruturas sociais, politicas e economicas de uma sociedade, afetando negativamente a vida de grupos racializados, com negros, indígenas e outras minorias éticas.
A.G Guiné Bissau	Racismo estrutural, trata-se da discriminação baseadas em percepções sociais pejorativas que foram normatizadas es socializadas a cor da pele.
F.R Brasileira	Acredito ser a valorização do povo branco, em relação a inferioridade dos povos pretos, que ao olhar colonizador, são subalternos.
C.C Brasileira	É o racismo que está enraizado na nossa sociedade, muitas vezes nas falas e ações cotidianas.
PERGUNTA 3	O que você conhece sobre a temática racismo etnico-racial?
A.J Brasileiro	Trata-se diretamente das exclusões individuais que fazemos por conta de traços, cores, texturas ou qualquer aspecto que remete à população negra, justamente por, socialmente, ter havido um estabelecimento sobre a população negra de maneira estereotipada.
N.K Brasileira	É uma forma de discriminação e preconceito baseado em características fisicas do sujeito, como sua cor da pele, e tipo de cabelo.
A.G Guiné Bissau	Racismo étnico-racial é um conjunto de ideis, pensamentos ações que se baseiam em preconceito e discriminação contra individuos ou grupos por conta de sua cor ou etnia.
F.R Brasileira	Acredito estar relacionado com a hierarquia entre povos, onde tudo que se relaciona a cultura dos brancos é visto como relevante, enquanto os demais povos são intermediados.

C.C Brasileira	É o racismo, preconceito, discriminação ou aversão a uma pessoa pela sua cor e raça.
PERGUNTA 4	O que é racismo religioso dentro do ambiente escolar?
A.J Brasileiro	O racismo religioso pode acontecer desde a oração que ocorre nas acolhidas, por cor não respeitar a diversidade, até mesmo nas falas “despretensiosas” sobre, diretamente, as religiões de matriz africana. Uma vez que, indiretamente, incorporar princípios e ou práticas alheias a essas religiões, pode gerar pensamentos não condizentes com a realidade que pode fundar em ódios verbais ou físicos para com as populações que são adeptas às religiões de matriz africana.
N.K Brasileira	Dentro do ambiente escolar se refere a discriminação, preconceito e intolerância com base na religião ou práticas espirituais de um grupo, especialmente em relação à religião de matriz africana.
A.G Guiné Bissau	O racismo no ambiente escolar é um conjunto de práticas e ideias violentas que expressam ódio e discriminação por determinada religiões, seus adeptos, tradições, culturas e territórios sagrados.
F.R Brasileira	Acredito ser a imposição de um determinado credo, sem dar aberturas para lidar com os diferentes
C.C Brasileira	É quando alguém sofre discriminações e racismo por fazer parte ou frequentar determinada religião africana ou afro-brasileira.
PERGUNTA 5	Com base na formação antirracista que voce recebeu durante o curso de pedagogia na Unila CE, quais ações pedagógicas voce pretende adotar para combater ou diminuir o racismo no ambiente escolar?
A.J Brasileiro	Estudos historiográficos, desmistificação geográfica do continente Africano, pesquisas apresentações sobre religiões e culturas nos países da África, contação de histórias, formação cidadã pautada na noção de gênero, classe e raça jogos/brincadeiras de matriz africana e afro-brasileira.
N.K Brasileira	Desenvolverei ações /atividades pautadas na perspectiva da educação antirracista, e diversidade Incluindo conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo, conforme a Lei 10.639/03 e 11.645/08, para valorizar as contribuições desses grupos e promover o reconhecimento das desigualdades.
A.G Guiné Bissau	Convidar os alunos a participarem de roda de conversa no que diz respeito à diferença entre raça humana não a cor.
F.R Brasileira	Pretendo sempre utilizar as entrelinhas, para reforçar questões referente ao respeito as diversidades, bem como reforçar minha negritude, no que sentido de representatividade, no decorrer do dia-a-dia.
C.C Brasileira	Levantar essa pauta para dentro do ambiente escolar, promover atividades que englobe esse assunto, excluir expressões racistas do vocabulário cotidiano, levar jogos africanos, afro-brasileiros e indígenas para a sala de aula, incluir mais histórias reais sobre o continente africano, desmistificando muitos pensamentos errados que podemos e devemos fazer para combater ou diminuir o racismo no ambiente escolar.

3.1. Análise referente às entrevistas obtidas da tabela 1

A tabela número um, inicialmente diante das informações que disponibilizamos traz uma parte significativa de representatividade da integralização do público diversificado de discentes que existem no curso de pedagogia, Unilab CE. Pois podemos perceber que esse grupo é constituído por diferentes nacionalidades, discentes nacionais e internacionais. Registro de experiências de regência no formato online na época da pandemia pela COVID19, por esse motivo triste fato que a universidade aceitou as regências obrigatórias nesse formato, com o intuito de diminuir os impactos negativos causados pela pandemia. Houve experiências vivenciadas de regências em estágio obrigatório do curso de pedagogia de maneira presencial dentro das escolas públicas, pois no atual momento é uma exigência indispensável da coordenação da pedagogia e Unilab CE, para concluir a licenciatura.

Através das respostas desse grupo é percebido que as/os entrevistadas/os contribuíram significativamente com a pesquisa de modo geral. Porém, a respeito da pergunta número um, três pessoas não responderam à pergunta por completo informando qual nome da oração era realizada, no caso de haver a prática de oração durante a acolhida. Será que omitiram a resposta sobre oração porque faz relação com religião cristã? Por que a oração não tem nome? Ou não souberam informar? Mesmo não fazendo parte de nenhuma religião deve ter um nome. Poderia ter sido informado já que a pergunta pedia o nome da oração, no caso de haver a prática. Ou será que a/o discente não informou o nome da oração, porque sabe que a prática de oração religiosa no ambiente escolar é um ato racista, e ficou com receio ou medo?

No entanto, fica outro questionamento, será que as professoras/es que realizam a prática de oração sabem que é racismo religioso? Será que não percebem que a prática de uma oração não contempla todas/os alunas/os? Ou será que as/os professoras/es que fazem a prática de oração dentro das escolas desconhecem a diversidade das religiões de matrizes africanas? Ou será que estão fazendo de conta que não conhecem as diversidades religiosas? As respostas sobre a oração durante o momento da acolhida em sala de aula ou em outro local da escola, mostra que as orações realizadas são de referência a religião cristã, causando racismo religioso, excluindo as diversidades religiosas existentes.

É visível que o racismo religioso é predominante nas escolas em que foram realizado os estágios na região do Maciço de Baturité, no interior do Ceará. Talvez por falta de implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que abordam sobre a temática racismo,

inclusive que não correto a prática de oração dentro do ambiente escolar, porque não é propício para prática religiosa e nem adepto para exclusão das demais religiões. No entanto, existem Leis que ampara pessoas vítimas de racismo. “Diante das Leis 7.716/1999, 8.081/1990 e 9.459/1997 que regulam os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor e estabelecem as penas aplicáveis aos atos discriminatórios e preconceituosos, entre outros, de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional”; (LDB, 2013, p,513)

Em virtude dos conhecimentos teóricos sobre o fenômeno racismo as/os discentes têm uma visão ampla sobre o assunto. Mediante as respostas da pergunta número cinco de modo geral as/os entrevistadas/os em razão a sua formação do curso de pedagogia demonstraram um vasto conhecimento sobre as formas correlatas do racismo, apresentaram disposição e compromisso com a educação antirracista.

Tabela 2

Nº DE QUESTÕES/ DISCENTES	PERGUNTAS/ RESPOSTAS
PERGUNTA 1	Durante o momento de acolhida, alguma prática de orações, era realizada dentro da sala de aula ou em outro local da escola? Se sim, qual a oração?
M.E Brasileira	Não me lembro se havia
G.A Brasileiro	A acolhida era sempre no pátio com todos os alunos. A Única oração era a do pai nosso e a ave maria
S.M Brasileira	Sim sempre o “pai nosso”. Nem todas as professoras realizavam, sendo um costume de cada profissional e não da escola. Mas algumas turmas pediam pela oração.
D.S Brasileira	Era realizado o pai nosso no pátio, com todos os alunos e ao adentrar na sala de aula, também era realizado uma oração com os estudantes.
A.R Brasileira	Sim, uma de agradecimento nada voltado para o religioso.
Pergunta 2	De acordo com os seus conhecimentos, o que é racismo estrutural?
M.E Brasileira	Quando faz parte da estrutura da sociedade
G.A Brasileiro	O racismo estrutural é um processo histórico que se origina em ações e políticas públicas que não incluíram pessoas negras e indígenas na sociedade.
S.M Brasileira	O racismo que pode despercebido por já fazer parte do dia a dia das pessoas negras.
D.S Brasileira	É o racismo que está presente na estrutura social, são palavras inseridas em nosso cotidiano, pensamentos racistas criados pela estrutura colonialista.
A.R Brasileira	O racismo estrutural é algo que está em nossa sociedade, já faz parte da estrutura da

	mesma.
PERGUNTA 3	O que você conhece sobre a temática racismo etnico-racial?
M.E Brasileira	Pelo que entendo é uma discriminação racial, dirigida a um determinado grupo
G.A Brasileiro	O racismo ético-racial é uma forma de preconceito e discriminação que se baseia em características étnicas ou raciais, com a cor da pele.
S.M Brasileira	O racismo que combina a discriminação com relação a etnia/origem e cor/raça.
D.S Brasileira	É o preconceito na qual a uma aversão a qualquer outro tipo de raça que não seja o que você se identifica.
A.R Brasileira	Racismo étnico-racial está ligado com etnia e raça
PERGUNTA 4	O que é racismo religioso dentro do ambiente escolar?
M.E Brasileira	São práticas desumanas as religiões de matrizes africanas
G.A Brasileiro	Racismo religioso é um conjunto de práticas e ideias violentas que discriminam e odeiam determinadas religiões, seus adeptos, territórios sagrados, tradições e culturas. E dentro da escola é não aceitação da religião do coleguinha, chegam a dar apelido inofensivo.
S.M Brasileira	Quando existe discriminação ou apagamento de religiões de matriz africana em relação as demais religiões.
D.S Brasileira	Racismo na qual se dar voz apenas a um tipo de religião, e gera preconceito ou aversão a outros tipos de certas, religiões.
A.R Brasileira	O racismo religioso é quando uma pessoa tem preconceito com a religião do outro, deduzindo que a sua é a certa e quer que os outros a sigam.
PERGUNTA 5	Com base na formação antirracista que voce recebeu durante o curso de pedagogia na Unila CE, quais ações pedagógicas voce pretende adotar para combater ou diminuir o racismo no ambiente escolar?
M.E Brasileira	Eu trabalho na educação infantil, sempre converso com as crianças sobre temas etno raciais. Sempre conversamos sobre preconceito, Bullying e o peso que as palavras tem.
G.A Brasileiro	Cartazes informativos. Palestra sobre. Atividade dirigida. Conversar por sala de aula abordando o tema.
S.M Brasileira	Valorização da aparência e culturas africanas e afro-brasileiras para uma melhor relação da criança negra com ela mesma, e reconhecimento por parte das crianças não negras.
D.S Brasileira	É necessário que haja ações voltadas para a temática em sala de aula, desde adotar a literatura afro-brasileira para o cotidiano de sala de aula, desde palestra educativas, não somente está temática para o mês de novembro
A.R Brasileira	Trabalhar no diálogo e sempre trazendo propostas do afro letramento

3.2. Análise referente às entrevistas obtidas da tabela 2

Na tabela 2, as vivências de estágio demonstram que a oração o “Pai Nosso” é uma prática religiosa ainda mais recorrente dentro das escolas. Uma entrevistada respondeu que não lembra se houve a prática de oração durante o momento da acolhida ou em outro local da escola durante o período de estágio. Durante a formação, o estágio de regência é um momento crucial para aprendizagem por meio da observação e prática pedagógica em sala de aula. Será que a discente M.E. brasileira, estava com algum receio de responder a pergunta referente a prática de oração durante a acolhida em sala de aula ou em outro local da escola?

Laicidade do Estado: Esse princípio se constitui em pré-condição para a liberdade de crença garantida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e pela Constituição Federal Brasileira de 1988. Respeitando todas as crenças religiosas, assim como as não crenças, o Estado deve manter-se imparcial diante dos conflitos e disputas do campo religioso, desde que não atentem contra os direitos fundamentais da pessoa humana, fazendo valer a soberania popular em matéria de política e de cultura. O Estado, portanto, deve assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa do País, sem praticar qualquer forma de proselitismo. (LDB, 2013, p.522- 523).

Entre as respostas número dois, três e quatro da tabela 2, representa o conhecimento adquirido que a formação em pedagogia tem proporcionado aos discentes que participaram da entrevista. Por fim, na última resposta traz de maneira resumida as pretensões e sugestões antirracistas que as/os discentes têm com a educação.

As respostas da pesquisa informada por entrevistadas/os confirmam a existência da prática de oração durante a acolhida dentro do ambiente escolar. No entanto, a prática de oração é um ato racista quando realizada dentro do ambiente escolar por se tratar da exclusão e silenciamento das religiões de matrizes africanas que existem. Talvez isso seja tão recorrente nas escolas por falta de conhecimento das/os professoras/es sobre racismo religioso, infelizmente esse fato é um assunto abafado silenciado perante a comunidade escolar, muitas pessoas preferem fazer de conta que o racismo não é um fato real existente dentro da escola ou nas demais repartições públicas. Com a intenção de, erradicar ou conscientizar sobre racismo e as diversidades existente na sociedade brasileira, tem pesquisadoras compromissadas com a educação antirracista experientes e iniciantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos pesquisados analisados, ressaltamos a importância necessária de declarar este trabalho como registro de denúncia, a fim de que, se torne práticas antirracistas.

Esta pesquisa teve como propósito instigar o respeito à diversidade religiosa, étnico-racial no ambiente escolar para ser refletido por pessoas no interesse da educação antirracista, professoras/es, discentes de licenciaturas. Assim como também incentivar a educação antirracista. Porque o que se aprende de bom na escola toda sociedade é contemplada com resultados positivos significativos para uma vida digna. Não se pode medir a dimensão do racismo porque ele é venenoso, pois ele pode ser até um ato de consequência irreversível para quem enfrentou e foi vítima, isso deve ser evitado.

A educação colonial pode inverter a vontade de aprender, em medo de conhecer, descobrir e vivenciar a cultura afro-brasileira, por conta de demonizar as religiões de matrizes africanas. Com a educação decolonial é uma maneira de transformar positivamente, destravar o medo opressor de conhecer, reafirmar a cultura e as diversidades. A Unilab sendo uma instituição antirracista possibilita o avanço cultural e respeito humano. Do mesmo modo, as escolas não devem silenciar o fenômeno do racismo existente em toda sociedade. Já que a escola é o ambiente adequado para desconstruir as práticas racistas através de propostas pedagógicas inclusivas por meio das professoras/es e compromisso de toda comunidade escolar com a educação antirracista de inclusão de todas as pessoas, crianças, jovens e adultos.

Durante a escrita deste trabalho logo no início do primeiro capítulo que foi uma proposta do professor Dr. Linconly Jesus, me despertou uma sensação de liberdade pessoal, acadêmica, intelectual. Em razão do segundo capítulo, representou a educação antirracista que devemos incentivar e aplica-la. Ao escrever o terceiro capítulo me proporcionou uma troca de experiências adquirida com colegas, amigas/os discentes do curso de licenciatura em pedagogia da Unilab CE, através da aplicação do questionário de entrevista realizado pelo Google Forms. Finalizo essa pesquisa com o desejo de se for possível futuramente que possa ser ampliado o trabalho sobre a temática abordada durante o estudo, para contribuir ainda mais com a educação antirracista. Acredito no poder de transformação na caminhada da educação das diversidades para tornar a sociedade melhor, com respeito às diferenças humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Rede De Colaboração Educacional A Unilab Em Destaque Numa Dimensão Afrocentrada.** Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira- Unilab Ceará. Fortaleza, Ceará. p.187 - 203. Editora e Gráfica IMPRECE. 2020.

BESERRA, Bernadete de L.R; LAVERGNE, Rémi. **Racismo e Educação no Brasil.** Recife; Editora UFPE, 2018.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação.** Porto Editora: Portugal, 1994.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Sobre o conceito de *formação* na abordagem (auto)biográfica.** Porto Alegre, v. 34, n. 2. p. 157-164. Maio/ago. 2011.

Brasil **Lei de Diretrizes Base da Educação Nacional LDB.** Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p.562.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. DOU de 10/01/2003.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Conceitos e conteúdos nas culturas africanas e afrodescendentes. In: COSTA, Sylvio G., PEREIRA, Sonia. **Movimentos Sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade.** Fortaleza: Editora UFC, 2006.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessária a prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra Ano da Publicação Original: 1996. Ano da Digitalização: 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra. Ano da Digitalização: 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. Editora Atlas S.A: São Paulo, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Relações África-Brasil: O Que Seria? Africa-Brazil Relations: What Are They After All?** Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol.1 - n.1 - 2018, p.06-25.

MARQUES, Janote Pires. **Além da história, a tradição oral: considerações sobre o ensino de história da África na educação básica.** Educação e Formação, Fortaleza, v.2, n.5, p.164-182, maio/ago, 2017.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Ensino de História, Diálogo Intercultural e Relações Étnico-Raciais.** Educação e Realidade, Porto Alegre/RS-Brasil, v .42, N.1, p.59-77, jan/ mar. 2017.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A pesquisa (auto) biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora**. São Leopoldo. v.2, n. 2. P.303-311. 2016.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu Nas Escola: Uma Proposta Didático Metodológico**, Capoeira – Revista de Humanidades e Letras. ISSN: 2359-2354. Vol.7, Nº. 1. Ano 2021, p.110-122.

PEREIRA, Linconly Jesus. **Encruzilhadas Da Educação: As Epistemologias De Terreiros Em Práticas Pedagógicas Contracolônias Nos Caminhos De Implementação Da Lei 10.639/03**. p.109-130. Gráfica e Editora. IMPRECE. Fortaleza. 2019.

RIBEIRO, Matilde. **Bicentenário da independência do Brasil** / Matilde Ribeiro. -- 1. ed. – Porto Alegre, RS: Nova Práxis Editorial, 2022.

SILVA, Petronilha B. G. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 123-150, maio/jun. 2018.

SILVA, Petronilha. B.G. Aprender, Ensinar e Relações Étnico-Raciais no Brasil. **Educar em Revista**, Porto Alegre/RS, Ano XXX, n. 3 (63), p.489-506, set. dez. 2007.

SOARES, Antonia Mendes Feitosa; MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. **Autobiografia e formação docente: Caminhos e perspectivas para prática reflexiva**. Encontro De Pesquisa Em Educação Da UFPI, p.1-11. 2010.

SOUZA, Mariana jantsch. **A memória como matéria prima para uma identidade: Apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade**. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, p. 91-117. UFPB/PPGL. ISSN 1516-1536. 2014.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v 13, n 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar e transformação social**. Revista HISTEDBR. Campinas, nº70, p.370-374, dez. 2016.

BRASIL, UNILAB, CE /MEC. **Projeto Político Pedagógico Curricular do curso de pedagogia**. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC 2017.

BARCELLOS, Mario Cesar. **Os orixás e o segredo da vida: lógica, mitologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

SILVA, Hilder Kuiawinski. **A cultura afro como norteadora da cultura brasileira**. v.38, n.144, p.25-35, dezembro/ 2014.